

A religiosidade das classes populares e a reflexão docente

Jorge Antonio de Queiroz e Silva¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é despertar os professores do ensino fundamental e médio para a necessidade de considerar a religiosidade como subsídio aos conteúdos de História, Língua Portuguesa e demais disciplinas, pois impregna a vida cotidiana da maioria das classes populares.

Palavras-chave:: religiosidade, classes populares, sobrevivência e resistência.

A religiosidade popular

Vive-se intensamente, no Brasil, a presença da religiosidade católica. Sem dúvida, as festas religiosas são marcas da cultura nacional. O calendário apresenta muitas datas religiosas e age como doutrinador por inserir os indivíduos num contexto cultural comum. Conforme bem define Steil (2001, p. 12), “somos envolvidos num calendário que nos remete constantemente a um imaginário religioso que subjaz à nossa experiência social e histórica”. Reforçando a argumentação de Steil no tocante à participação popular em festas religiosas e nos santuários brasileiros, segundo o JORNAL DO BRASIL (2000), anualmente, ocorrem movimentações de 15 milhões de pessoas por motivos religiosos no interior do país.

¹ Especialista em Metodologia do Ensino de História, professor de História no CEEBJA – Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos Ailton Senna, Almirante Tamandaré-PR, professor de Pós-Graduação pelo IBPEX – Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão. E-mail: queirozhistoria@uol.com.br

Entre os lugares brasileiros que apresentam maior ênfase de religiosidade católica destacam-se: as peregrinações ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, na cidade de Aparecida do Norte-SP, ao Santuário Bom Jesus da Lapa, localizado na cidade da Lapa-BA, ao santuário de Madre Paulina (falecida em 1942, beatificada em 1991 e canonizada em 19 de maio de 2002 pelo papa João Paulo II), localizado na pequena cidade de Nova Trento-SC; as festas: de Nossa Senhora da Penha, no Rio de Janeiro-RJ; de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Salvador-BA; de Nossa Senhora dos Navegantes, padroeira da cidade de Porto Alegre-RS; a romaria diária dos devotos de pe. Cícero (1844-1934), em Juazeiro do Norte-CE e a romaria do Círio de Nazaré em Belém-PA.

Influência ibérica na cultura

É marcante a influência dos ibéricos (portugueses e espanhóis) na cultura brasileira.

Nossa Senhora da Penha é a padroeira dos capixabas. Sua imagem foi trazida por um frei espanhol em 1558 e colocada no alto de um penhasco, na cidade de Vila Velha, Espírito Santo. Junto à imagem foi fundado um convento para abrigar os frades franciscanos. São mais de quatro séculos de fé e milagres que alimentam a devoção de romeiros e peregrinos que desde 1570 se deslocam para este santuário. Mais de 200 mil pessoas participam todos os anos de uma procissão que vai da catedral de Vitória ao Convento da Penha. (Steil, 2001, p. 13-14)

A festa de Nossa Senhora dos Navegantes, que ocorre todos os anos no dia 2 de fevereiro, em Porto Alegre-RS, no rio Guaíba, é de procedência portuguesa. Relata-se que a confecção desta imagem foi encomendada a um artista português de nome ignorado.

Quantidade expressiva de barcos e incontáveis fiéis participam da procissão que se dá sobre as águas. Enquanto é carregada a imagem da santa e levada para o porto dos Navegantes, os devotos jogam nas águas do rio Guaíba presentes (grinaldas, flores) para Nossa Senhora dos Navegantes, na esperança de verem atendidos seus pedidos (conseguir casamento, curas de doenças e outros). Conforme Steil (2001), o culto gaúcho conta em média com 600 mil

pessoas e associa Nossa Senhora a Iemanjá por meio de rituais e gestos, pelos quais os fiéis se juntam em procissões por rios, mares e terra. Quase o mesmo número de fiéis é encontrado nas praias. Em cultos de umbanda, também realizam suas oferendas.

Entender a mistura ou a união dos elementos culturais distintos e contrários (sincretismo), no caso catolicismo/umbanda, exige discernimento e respeito. Aliás, a própria festa de Nossa Senhora dos Navegantes tem o respaldo do clero. Inteligentemente se apoia Steil em estudiosos como Pierre Sanchis e Lévi-Strauss e defende a concepção de que o sincretismo se realiza de forma contínua, podendo ser encontrado nas culturas e religiões que estão em interação.

Afirma Steil (2001, p. 32-33):

Não há religiões ou culturas puras ou não-sincréticas, uma vez que é próprio dos sistemas sociais, religiosos ou não, reproduzir-se e perpetuar-se através da incorporação de símbolos e signos de outros sistemas e da reavaliação permanente dos seus próprios [...] Cabe ao praticante beber de todas as fontes, de modo que o sincretismo é a própria condição de acesso à plenitude e multiplicidade do sagrado [...], pois é justamente nas fronteiras que a multiplicidade do sagrado se manifesta e se torna acessível.

Essa circularidade de culturas religiosas que se desenvolvem nas práticas populares estimula a promoção da unidade na diversidade, caracterizando-se como essência do pensamento Cristão.

Pe. Cícero

Estima-se que dois milhões de pessoas por ano, vindas de várias regiões brasileiras, dirigem-se para a cidade-santuário de Juazeiro do Norte-CE, terra de pe. Cícero Romão Batista (1844-1934). No imaginário coletivo, pe. Cícero é milagreiro, por isso ocorrem inúmeras romarias em direção à igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro onde se encontra o túmulo com os restos mortais do sacerdote. Os fiéis acreditam nas curas e no auxílio do religioso que faleceu há mais de setenta anos. Na cidade de Juazeiro do Norte, existe a estátua de pe. Cícero que mede 27 metros de altura e serve de referencial e passagem obrigatória

a todos os romeiros. (LAROUSSE, 1998). Conforme Steil (2001, p. 33), “o mito fundante da romaria é relatado na forma de um milagre que teria ocorrido no período de vida do Padre Cícero quando, numa celebração da missa, a hóstia se transformou em sangue”.

Relação dos santuários atuais com os da Grécia Antiga

Tinhorão realiza abordagem de rastreamento histórico acerca dos santuários católicos, relacionando-os aos oráculos da antiga Grécia:

Com o advento do cristianismo, a crença de que o próprio local do nascimento do filho de Deus fora universalmente anunciado pelo fenômeno do aparecimento de um cometa – o que permitiria aos peregrinos, como os Reis Magos, dirigirem-se a Jerusalém para um primeiro rito de adoração – criaria, em conseqüência, pelo correr da idade Média, o hábito das romarias de fiéis a distantes santuários (tal como as dos antigos aos oráculos). (TINHORÃO, 2001, p. 147)

A respeito dos oráculos gregos, constata-se a existência de vários deles, sendo o mais famoso o da Ilha de Delfos. Os povos helenos (gregos) eram supersticiosos, ou seja, procuravam entender o seu destino deixando-o a cargo da vontade dos deuses ou procurando os oráculos. Conforme GIORDANI (1984), os indivíduos que consultavam os oráculos originavam-se de regiões longínquas, na busca das respostas para as mais variadas questões que diziam respeito aos problemas pessoais e aos assuntos pertinentes ao Estado.

Cultura popular católica em Curitiba

Curitiba tem, a exemplo do restante do país, a sua religiosidade. Conta-se que a imagem de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, padroeira dos curitibanos, foi trazida pelos portugueses. Segundo o PARANÁ TURISMO (2001), o sentimento religioso para com Nossa Senhora da Luz teve seu início em Portugal, no século XV. O dia em que se dá a comemoração da padroeira é 8 de setembro quando se realiza procissão formada por boa quantidade de devotos.

Segundo a ARQUIDIOCESE DE CURITIBA (2001), não se tem certeza

do ano em que foi criada a paróquia Nossa Senhora da Luz de Curitiba. Provavelmente deve ter sido em 1668. Os documentos indicam que no ano de 1683 ocorreu a rubrica do primeiro livro de registro de batizados, sendo o pe. João de Souto o pároco.

No centro de Curitiba, existe o memorial a Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, situado na confluência das ruas São Francisco e Barão do Serro Azul e que teve a sua inauguração em 8 de setembro de 1993. Patrimônio histórico e cultural, a imagem da padroeira de Curitiba possui 2,5m e 650 quilos, colocada sobre um pedestal cilíndrico de 10m de altura. A autora do molde em gesso foi a artista Maria Inês Di Bella, tendo sido o projeto em bronze realizado pela Fundação Adalberto Baso. (PARANÁ TURISMO, 2001)

Fr. Miguel Hilário Bottacin

Fr. Miguel Hilário Bottacin (1921-1997), frade capuchinho, situa-se no contexto da cultura popular católica, inclusive assemelhando-se ao pe. Cícero, santo popular nordestino não canonizado, citado neste trabalho. Está sepultado no pátio da capela São Leopoldo Mándich, à r. Santa Eulália de Barcelona Jr, 273, conjunto Osvaldo Cruz I. Ele recebe quase diariamente indivíduos que professam sua fé e afirmam que o sacerdote em vida e após sua morte é milagreiro, inclusive já é intenção da comunidade transformar a capela em santuário.

Independentemente de religião, muitas pessoas fazem seus pedidos a duas mulheres que se mantêm vivas em sua memória. São elas, Maria Bueno e Maria Polenta.

Maria Bueno

Foi vítima do namorado enciumado, Inácio José Diniz. Relata-se que o militar Diniz havia proibido Maria Bueno de ir ao baile, uma vez que estaria realizando turno de serviço (8º regimento de Cavalaria). Maria Bueno desobedeceu e foi dançar. Revoltado, Diniz conseguiu despistar os colegas da guarda e foi ao local onde estava sendo realizado o baile, encontrando Maria Bueno dançando, Diniz conseguiu retirar Maria Bueno do baile e a conduziu até à rua Saldanha Marinho, na cidade de Curitiba. Conforme FILIPAK (2001), na altura da rua Campos Gerais,

atual Vicente Machado, próximo à praça Osório, desorientado Diniz arrancou de um punhal atingindo-a com um golpe fatal. Não satisfeito com o cruel requinte degolou-a, aproximadamente às 4hs da manhã do dia 28 de janeiro de 1893. Os restos mortais de Maria Bueno se encontram no cemitério de São Francisco, em Curitiba, recebendo pessoas que depositam flores, acendem velas e agradecem as graças recebidas.

Maria Trevisan Tortatto

Conhecida como Maria Polenta, exerceu em sua vida profissional a função especializada de massagens magnéticas, tendo prestado serviços aos necessitados que apresentavam problemas de reumatismo e contusões. Segundo FILIPAK (2001), Maria Polenta era pessoa carismática e bondosa. Vestia-se em trajes longos, geralmente a cobrir-lhe os pés. Residiu sempre na Água Verde, vivendo das ofertas espontâneas do povo. No cemitério de Água Verde em Curitiba onde está sepultada, confirma-se o carinho da população para com ela, uma vez que sempre são depositadas flores, consolidando a manutenção da memória.

Reflexão docente e construção curricular por professores e alunos

No Brasil, a religiosidade de igrejas evangélicas, pentecostais, neopentecostais e das afro-brasileiras umbanda e candomblé convive com o catolicismo devocional. Têm em comum a necessidade da união em grupos para fazer frente àquele tipo de poder que torna seus membros cada vez mais empobrecidos.

Em todas essas práticas religiosas populares os fiéis buscam a justiça. Não se trata somente de buscar saídas para prosseguirem trabalhando, mas também de elaborar conscientemente aquilo que no seu dia-a-dia não pode ser modificado. Para Chauí (1996, p. 81) essa elaboração funciona “como pólo de resistência numa sociedade onde a cidadania foi recusada para a maioria e onde a opressão é a regra da existência social das camadas populares”.

A escolha da religião não ocorre porque as pessoas querem esquecer o que vivem como se a religião fosse uma droga anestésica. Pelo contrário,

ocorre porque só resta este caminho. Não faz diferença, portanto, aceitar várias crenças mesmo não concordantes entre si, embora isso produza conflito por parte das igrejas oficiais por revelar sua fraqueza de arrebanhar e controlar seus fiéis. Hoje os seguidores resistem, pois organizam em si um sistema próprio de crenças e transgridem a afirmação de que o milagre se realiza por vias oficiais. Eles fazem seus próprios caminhos. Se para as religiões oficiais purificadas Deus é razão, para as religiões populares ele é vontade.

A esse propósito afirma Chauí (1996, p. 85):

O milagre, ao mesmo tempo que reafirma a onipotência da divindade à qual se apela – e que não teria o menor interesse se não fosse capaz de restaurar o verdadeiro curso de suas decisões – manifesta uma relação estritamente pessoal com o suplicante – torna próximo o poder distante, torna visível o invisível, garante que o apelo e o grito foram, finalmente, ouvidos.

Marx apud Chauí (1996, p.85), afirma que:

A miséria da religião é, ao mesmo tempo, expressão e protesto contra a miséria real. É o lamento da criatura oprimida, coração de um mundo sem coração, alma de uma condição desalmada [...]. Assim, a crítica do Paraíso transforma-se em crítica da Terra, a crítica da religião em crítica da lei, a crítica da teologia em crítica política [...]. A religião é visão invertida do mundo, mas porque esta sociedade, este Estado são o mundo invertido.

Essa relação pessoal do suplicante com o suplicado realiza o milagre. Acredita-se para receber graças. A Deus, aos santos, aos orixás e aos exus, pede-se a cura das doenças, o fim das drogas, do alcoolismo, a harmonia, a volta de alguém que desapareceu. Pede-se que as desgraças do cotidiano diminuam, de preferência que terminem. Enfim, pede-se aquele auxílio que não foi recebido nos postos de saúde, mesmo após estar longo tempo nas filas de espera, aquela consulta com o especialista que talvez nunca venha a ocorrer, aquela alimentação tão necessária, enfim, pede-se aquilo que é fundamental para continuar sobrevivendo. Por isso, contrariamente ao que significa o milagre para o dogma católico oficial, para as religiões populares significa, segundo Brandão apud Chauí (1996, p. 83):

[...] a retomada da ordem natural das coisas na vida concreta do fiel, da comunidade ou do mundo, por algum tempo quebrada, aí sim, seja como provação consentida por deuses e santos ao fiel servidor ou justo, seja como efeito da invasão direta das forças do Mal sobre a ordem terrena [...] o milagre é, pois, um acontecimento necessário, acessível, rotineiro e reordenador [...]. A rotina do milagre faz com que, em qualquer área confessional do domínio popular, uma grande parte dos momentos de oração pessoal, familiar ou comunitária seja para pedi-lo ou para agradece-lo.

Ao contrário do que em geral ocorre nas religiões oficiais, nas quais as pessoas que praticam a religião são mais exigentes com Deus e pedem graças mais caras e supérfluas como comprar o carro do ano, entre os fiéis das religiões populares, o milagre solicitado é o estrito necessário para continuar vivendo, ou seja, a religião anda junto com a saúde. É também nesse aspecto que se torna importante a discussão da questão religiosa entre os professores da escola pública, pois a religiosidade praticada pelos alunos torna-se fonte de subsídios para os conteúdos de história, ciências sociais e ciências.

Nesse contexto propõe-se, com Valla (2001), que se discuta as relações saúde-doença enquanto se questiona sobre os preconceitos que se tem contra a religiosidade que as famílias dos alunos praticam.

Em primeiro lugar, é importante lembrar que o quadro de saúde pública no país deixa muito a desejar. Embora, por meio do Programa de Saúde da Família, lugares distantes cujos habitantes antes não tinham acesso agora já recebam alguma assistência, a necessidade vai muito além do que está sendo oferecido. As dores se espalham por todo o corpo e originam aquilo que se chama dor difusa ou mal-estar generalizado que depende da situação em que vivem, ou seja, com pouca ou nenhuma expectativa de vida.

Em segundo lugar, chama-se a atenção para a globalização das bactérias, que ocorre pelo fato da pouca assistência com antibióticos adequados no atendimento às doenças dos mais necessitados e no tratamento correto. Assim as bactérias estão se tornando mais resistentes aos medicamentos.

Mas, talvez, mais resistentes que as bactérias seja a resistência que os fiéis dos centros espiritualistas, por exemplo conseguem desenvolver contra a falta de sentido da vida, o que é explicado pela teoria de apoio social, conforme Valla (2002), como uma forma dos fiéis estarem juntos no mesmo espaço físico e,

desse modo, atenuarem suas dores e sofrimentos crônicos durante a reunião de oração.

Da mesma forma, as súplicas ao fr. Miguel, ao pe. Cícero e a outros feitas pelas pessoas, soam como protestos populares, assumidos pelo globalismo. Esses protestos surgem como resultado de uma sociedade problemática numa pequena ou numa grande comunidade, juntando-se a outras vozes de outras comunidades. Ali, na reivindicação, nas fronteiras conhecidas ou além delas, a cidadania está presente, porque de um modo ou de outro está sendo buscada a solução. As pessoas buscam agir com os meios que estão ao seu alcance: a religiosidade.

Considerações finais e proposta

A cultura popular católica brasileira é rica em suas manifestações. É importante lembrar que os currículos das escolas públicas não incluem em seus conteúdos assuntos relativos à religiosidade, o que é inaceitável, uma vez que o tema faz parte do cotidiano de professores e alunos.

Valla (2001, p. 7-8) menciona que devem ser inseridos na cultura escolar os conceitos diversos acerca da religiosidade:

Tanto os meios de comunicação como freqüentemente os próprios livros utilizados nas escolas, quando mencionam a questão religiosa nas aulas de história ou ciências sociais, tendem a centrar sua atenção na Igreja Católica, freqüentemente tratada como “A Igreja” – e nas igrejas protestantes conhecidas como históricas e as de orientação judaica. Com isso, ficam marginalizadas da discussão de cultura geral centenas de igrejas evangélicas, pentecostais, neopentecostais, e as afro-brasileiras, como as de umbanda e candomblé.

Na perspectiva de educação popular transformadora, é importante considerar que as classes populares, ao escolherem a trajetória da religião e da espiritualidade, utilizam as igrejas para desabafar gritar e cantar. Mas isso não é só um desabafo. Enquanto gritam e cantam “são capazes de produzir conhecimento, são capazes de organizar e sistematizar pensamentos sobre a sociedade e, dessa forma, fazer opções que apontam para possíveis melhorias

em sua vida.” (VALLA, 2001, p. 135), revelando assim sua profunda inconformidade.

Nesse contexto, é urgente a reformulação curricular que leve em conta a prática diária dos sujeitos sociais, no caso, as várias culturas religiosas locais e nacionais presentes no Brasil e a ampliação da visão docente de que cada aluno contribui com seu *tema gerador*. Segundo Freire (1970), o conteúdo programático da educação (ou currículo) é o ato de devolver ao povo aqueles elementos que este entregou de forma desestruturada. É importante que os educandos participem das várias etapas da construção do currículo que deve ser feita por educadores e educandos juntamente. Ao construir essa relação dialógica, conforme Tomaz Tadeu da Silva (2001), Paulo Freire inaugura a problematização das relações de poder. Seguindo seu exemplo, nessa construção curricular conjunta, estará presente a religiosidade das classes populares permeando o diálogo que passará a existir, o qual dará sentido não somente à sua luta pela sobrevivência, mas também ao rumo de sua vida então representado na sala de aula.

Bibliografia

ARQUIDIOCESE DE CURITIBA. Católicos em Curitiba. Disponível em: <http://kanopus.com.br/~catolico/diocese.html>

CHAUI, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

FILIPAK, Francisco. *Dicionário Sociolinguístico Paranaense*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio: Paz e Terra, 1970.

GIORDANI, Mário Curtis. *História da Grécia*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

LAROUSSE Cultural. São Paulo: Plural, 1998.

PARANÁ Turismo. Arquivos turísticos. Memorial a Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. Disponível em: <http://www.pr.gov.br/celepar/seet/prtur/cidades/curitiba/ctba166.html>

ROTEIROS de fé. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 set. 2000. Caderno Especial.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

Steil, Carlos Alberto. Catolicismo e cultura. In: VALLA, Victor Vicent (Org.). *Religião e cultura popular*. Rio de Janeiro: DP& A, 2001.

TINHORÃO, José Ramos. *Cultura popular*. Temas e questões. São Paulo: 34, 2001.

VALLA, Victor Vicent. O que a saúde tem a ver com religião? In: VALLA, Victor Vicent (Org.). *Religião e cultura popular*. Rio de Janeiro: DP& A, 2001.

The religiosity of the popular classes and the educational reflection

ABSTRACT

The aim of this text is to show to the teachers of elementary and high school the necessity of regarding the religiosity, that is present the day-by-day life of the popular classes, as a way to help teaching History, Portuguese, and other subjects.

Key words: Religiosity, popular classes, survival and resistance.